

**FACULDADE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Mara Muniz Colino Pimenta**

**PSICOMOTRICIDADE COMO PREDITORA NO  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM AUTISMO**

Santo Antônio de Pádua / RJ  
2025

**MARA MUNIZ COLINO PIMENTA**

**PSICOMOTRICIDADE COMO PREDITORA NO  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade Santo Antônio  
de Pádua como requisito parcial para  
obtenção do grau de Bacharel em  
Psicologia.

Orientadores: Prof (a).Me. Adriana  
Chaves de Oliveira Ruback e Prof. Me.  
Dinart Rocha Filho

Santo Antônio de Pádua / RJ  
2025

**MARA MUNIZ COLINO PIMENTA**

**PSICOMOTRICIDADE COMO PREDITORA NO  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade Santo Antônio  
de Pádua como requisito parcial para  
obtenção do grau de Bacharel em  
Psicologia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof (a).Me.Adriana Chaves de Oliveira Ruback  
Orientadora

---

Prof. Me. Dinart Rocha Filho

---

Prof (a). Dra Jesiane de Souza Marins Lopes

Santo Antônio de Pádua / RJ  
2025

*"Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos."*

— Antoine de Saint-Exupéry

## AGRADECIMENTOS

Minha gratidão mais profunda é, antes de tudo, a Deus. Sem a fé que me guia e sem Sua infinita graça e proteção, esta conquista não teria sido possível.

Ao meu amado filho Enzo, que, ainda tão pequeno, precisou compreender e lidar com minha ausência durante este tempo de formação. Dedico a você um agradecimento especial: tudo o que realizo é e sempre será por você.

Aos meus pais, José Célio e Deni agradeço a dádiva da vida e por todo suporte incansável, especialmente nos momentos decisivos desta caminhada.

À minha querida amiga Letícia Lima, que esteve ao meu lado nos dias de luta, nos aprendizados e nas incontáveis risadas: contigo, a travessia foi mais leve e o caminho mais florido.

À professora Jesiane Marins, que despertou em mim o amor pela Psicologia, deixo meu reconhecimento sincero. Obrigada por cada ensinamento transmitido com paixão e generosidade você é e sempre será uma inspiração no meu percurso.

Minha gratidão afetuosa vai à professora Adriana Ruback, que não foi apenas uma professora, mas uma amiga no verdadeiro sentido da palavra. Sua disposição incansável, seu olhar sempre empático e a forma com que acolheu minhas dúvidas e angústias, sem jamais julgar, marcaram minha trajetória e ultrapassaram os ensinamentos da sala de aula. Sua presença foi um verdadeiro alento nos momentos mais desafiadores desta jornada.

Por fim, agradeço de coração ao professor Dinart Rocha, cuja orientação firme e atenta foi imprescindível para a realização deste trabalho. Cada conselho, cada detalhe apontado com sua “caneta vermelha”, contribuiu de forma decisiva para que eu pudesse chegar até aqui com segurança e aprendizado.

Enfim, consegui! Cada lágrima, cada renúncia e cada esforço valeram a pena. Levo comigo não só o conhecimento, mas também as memórias e as pessoas que marcaram este capítulo da minha vida.

# **PSICOMOTRICIDADE COMO PREDITORA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA**

Mara Muniz Colino Pimenta<sup>1</sup>

Orientadores: Adriana Chaves de Oliveira Ruback<sup>2</sup> e Dinart Rocha Filho<sup>3</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho explora o impacto da psicomotricidade no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando a importância do movimento no desenvolvimento global, incluindo aspectos motores, cognitivos, emocionais e sociais. A psicomotricidade é vista como uma ferramenta essencial para a promoção da integração entre corpo e mente, favorecendo a expressão não verbal e a comunicação, especialmente em crianças com TEA. O estudo enfatiza a utilização de abordagens individualizadas, considerando as necessidades específicas de cada criança, e o papel da ludicidade e da brincadeira como meios para promover a interação social e a regulação emocional. A psicomotricidade, ao proporcionar um espaço seguro para a exploração e o desenvolvimento da autonomia, contribui para a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida. A prática psicomotora, por meio de atividades integradoras, auxilia na superação de dificuldades de aprendizagem e adaptação, promovendo a socialização e o bem-estar de crianças com TEA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicomotricidade; Transtorno do Espectro Autista; Desenvolvimento infantil; Comunicação não verbal; Inclusão social.

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia da FASAP

<sup>2</sup> Psicóloga, Orientadora do artigo

<sup>3</sup> Fisioterapeuta, Orientador do artigo

## INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido, historicamente, compreendido sob uma ótica predominantemente biomédica e patologizante, que tende a reduzir a complexidade dessa condição a um conjunto de déficits e anomalias. Tal perspectiva, ao focalizar unicamente aquilo que se desvia do considerado "normal", contribui para a estigmatização e marginalização de sujeitos autistas, dificultando sua plena inclusão na sociedade. No entanto, abordagens contemporâneas têm buscado romper com essa visão restrita, propondo uma compreensão mais ampla e humanizada do autismo, que reconhece e valoriza suas singularidades como expressões legítimas da diversidade humana. Neste contexto, a psicomotricidade desponta como uma importante aliada, ao considerar o corpo não apenas como estrutura biológica, mas como meio fundamental de expressão, comunicação e constituição do sujeito.

A importância deste estudo reside na necessidade de repensar práticas educativas e terapêuticas que atendam às especificidades da criança com TEA, para além da normatização comportamental. A psicomotricidade, ao privilegiar a escuta do corpo e suas manifestações, oferece ferramentas que potencializam o desenvolvimento global da criança autista, promovendo sua autonomia e favorecendo processos inclusivos mais efetivos. Assim, compreender como as práticas psicomotoras podem contribuir para reconhecer e acolher a singularidade dessas crianças representa um avanço significativo tanto para a educação quanto para as ciências da saúde.

Este trabalho está estruturado em três sessões. A primeira sessão apresenta os fundamentos da psicomotricidade, destacando seus princípios e sua importância no desenvolvimento infantil. A segunda sessão discorre sobre a evolução histórica e conceitual do autismo, ressaltando a transição do paradigma patologizante para a valorização da neurodiversidade e da singularidade autista. Por fim, a terceira sessão analisa como a psicomotricidade contribui para o reconhecimento e a valorização da criança autista, enfatizando sua relevância no fortalecimento das competências socioemocionais e na promoção da inclusão social.

## **PSICOMOTRICIDADE: DEFINIÇÃO E PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

A noção de psicomotricidade foi introduzida por Dupré, na França, no início do século XX, sendo definida como a ciência que estuda o corpo em movimento e o sujeito em suas relações com os ambientes interno e externo (PISKE; BERSCH, 2020). A partir desse marco inicial, a psicomotricidade passou a desenvolver-se como campo próprio de estudo e intervenção, especialmente na Europa, ganhando destaque nas áreas da saúde, da educação e da reabilitação (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE, 2020).

De acordo com Fonseca (2009), trata-se de uma disciplina que compreende o movimento não apenas como ação mecânica, mas como uma expressão global do ser humano, integrando o neurológico, o psíquico e o social.

O termo psicomotricidade, que une “psico” (mente) e “motricidade” (movimento), refere-se a um campo dedicado à compreensão da interação indissociável entre os aspectos psíquicos e motores do ser humano. Fonseca (2022) sublinha que essa conexão é fundamental para o desenvolvimento global do indivíduo, sendo o corpo o mediador entre o sujeito e o mundo externo.

A psicomotricidade, de acordo com Fonseca (2010), ao contrário da motricidade animal, envolve um processo prospectivo (ato mental antecipatório) e um produto (ato motor controlado), subentendendo para além de funções de execução motora, funções psíquicas de integração, elaboração, planificação, antecipação, extrapolação, controle e referência.

Essa perspectiva é corroborada por Lapiere e Aucouturier (2000), que destacam que a ação corporal é a via pela qual a criança organiza seu eu psíquico e estabelece vínculos afetivos e sociais com o meio.

Nessa perspectiva, por meio da ação corporal, a criança não apenas estrutura seu espaço interno, mas também estabelece uma relação dinâmica com o meio, fundando as bases de sua identidade (FONSECA, 2009). A psicomotricidade, portanto, transcende a concepção de uma atividade

meramente física, ao abarcar as dimensões simbólica, emocional e cognitiva do movimento.

Como destaca Lapierre e Aucouturier (1988), o corpo não é apenas um veículo para o movimento, mas um meio de expressão profunda, onde emoções, pensamentos e experiências se comunicam de forma dinâmica e interconectada.

Nesse sentido, para Fonseca (2009), o corpo constitui a “casa do ser”, um território no qual se expressam emoções, pensamentos e experiências que estruturam a existência do sujeito.

Ao longo de sua evolução histórica, a psicomotricidade consolidou-se como uma prática que visa não apenas a reabilitação de distúrbios motores, mas também a promoção do desenvolvimento integral (VAYER, 1985). Nessa ótica, o desenvolvimento psicomotor não se restringe à melhoria das competências motoras, estendendo-se ao equilíbrio afetivo, social e intelectual da criança, favorecendo a integração dos múltiplos aspectos que compõem o ser (LE BOULCH, 2019). A psicomotricidade, portanto, contribui decisivamente para o processo de aprendizagem e para a construção da autonomia e da autoestima do sujeito em formação.

Corroborando essa compreensão, Carvalho e Resende (2023) enfatizam que a psicomotricidade deve considerar o corpo em sua totalidade — nas dimensões afetiva, cognitiva e motora — tendo como referência a idade desenvolvimental do sujeito e suas especificidades. Desse modo, a intervenção psicomotora torna-se uma ferramenta essencial tanto no contexto educacional quanto terapêutico, proporcionando experiências significativas que favorecem a expressão, a socialização e a integração do indivíduo com o seu ambiente.

Dessa forma, ao reconhecer o corpo como mediador essencial nos processos de constituição identitária e aprendizagem, a psicomotricidade fundamenta-se em princípios que valorizam a articulação entre os domínios motor, cognitivo, emocional e social do desenvolvimento humano.

O princípio da globalidade emerge como eixo central dessa abordagem, ao postular uma visão integral do indivíduo, sem dissociações entre corpo e mente. Fonseca (2022) assevera que a psicomotricidade deve ser concebida como uma prática interdisciplinar que mobiliza o corpo enquanto mediador do pensamento, da afetividade e da identidade.

Outro princípio estruturante refere-se à intencionalidade do movimento, segundo o qual todo ato motor possui significado e está imbricado a uma intenção comunicativa e relacional. Tal entendimento reforça a concepção de Fonseca (2009) acerca do corpo como espaço simbólico e expressivo.

Nessa direção, Rosa Neto (2002) evidencia que o movimento infantil representa uma forma primária e essencial de expressão e interação com o meio, sendo imprescindível que as práticas psicomotoras contemplem essa dimensão simbólica e afetiva do gesto.

A afetividade, por sua vez, ocupa lugar de destaque na psicomotricidade contemporânea, configurando-se como elemento estruturante nas relações corporais e simbólicas. Santos; Bastos e Carvalho (2019) destacam que a qualidade do vínculo estabelecido entre psicomotricista e criança revela-se determinante para a efetividade das intervenções. É por meio dessa relação segura e acolhedora que o sujeito pode explorar seu corpo, superar bloqueios emocionais e ampliar suas possibilidades expressivas e relacionais. Tal perspectiva converge com Fonseca (2022), ao reafirmar a centralidade da afetividade no processo de mediação entre corpo, pensamento e identidade, consolidando a psicomotricidade relacional como uma prática contemporânea voltada ao desenvolvimento integral e inclusivo.

Ademais, o princípio da individualidade é amplamente reconhecido na literatura psicomotora, ao afirmar que cada criança é única em seu desenvolvimento. Fonseca (2022) enfatiza que cada sujeito apresenta um percurso psicomotor singular, o que requer práticas que respeitem suas necessidades específicas, seu ritmo e suas particularidades. Complementarmente, Arreas *et al.* (2017) asseveram que a psicomotricidade atua como facilitadora da aprendizagem justamente ao reconhecer e potencializar essas diferenças individuais nos modos como cada pessoa organiza seu corpo e seu pensamento.

O princípio do prazer e da ludicidade, igualmente essencial, ressalta que a vivência psicomotora deve ser prazerosa e mediada pelo brincar, elemento natural do desenvolvimento infantil. Segundo Silva (2023), o jogo e a ludicidade potencializam a motivação da criança, criando um ambiente favorável à exploração corporal, à criatividade e ao fortalecimento dos vínculos afetivos.

Por sua vez, a plasticidade e o neurodesenvolvimento constituem pilares da prática psicomotora atual. Conforme destaca Fonseca (2022), a plasticidade neural permite que o cérebro se reorganize a partir das experiências motoras e sensoriais vivenciadas, o que confere à psicomotricidade um papel relevante no estímulo ao neurodesenvolvimento saudável. Deste modo, a intervenção psicomotora atua não apenas no corpo visível, mas também nas conexões neurais que sustentam as competências cognitivas, emocionais e sociais, corroborando sua eficácia como recurso terapêutico e educativo.

No contexto educacional, a psicomotricidade ganha relevância especial, uma vez que o desenvolvimento motor está diretamente relacionado ao sucesso nas aprendizagens escolares. De acordo com Le Boulch (2019), a educação psicomotora deve ser integrada ao currículo, visto que contribui para a organização do esquema corporal, da lateralidade e da orientação espacial, elementos fundamentais para a aquisição da leitura e da escrita. Dessa forma, práticas psicomotoras bem estruturadas podem favorecer não apenas o desenvolvimento físico, mas também o rendimento acadêmico e a autoestima dos alunos.

## **DO NORMAL AO SINGULAR: REPENSANDO O AUTISMO PARA ALÉM DO PATOLÓGICO**

O termo “autismo” origina-se do grego *autos*, significando "voltar-se para si mesmo". Tal definição está associada à chamada "solidão autística", expressão que descreve a dificuldade enfrentada por essas crianças, desde os primeiros anos, para estabelecer vínculos sociais e se conectar com o ambiente ao seu redor (CORDEIRO; SILVA, 2018). Essa característica, longe de indicar uma falha, evidencia um modo próprio de estar no mundo que demanda compreensão sensível e diferenciada.

O autismo é frequentemente abordado de maneira reducionista, sendo muitas vezes visto como uma condição a ser "corrigida". No entanto, tal perspectiva limita a compreensão de uma diversidade neurológica intrínseca ao ser humano. Como aponta Canguilhem (2009), ao discutir o conceito de normalidade, a ideia de patológico não deve ser encarada como uma anomalia, mas sim como uma variação legítima dentro do espectro da saúde. Para

Canguilhem, o que é considerado normal é, na verdade, um reflexo da adaptação do organismo às suas condições e aos seus limites. Dessa forma, o autismo não representa uma falha, mas uma forma legítima e única de interação com o mundo, que exige ser compreendida em seus próprios termos, sem a imposição de normas externas e limitantes.

Nessa perspectiva, Foucault (2001), ao tratar das práticas de normalização e disciplinamento, evidencia que a sociedade constrói e impõe normas sobre o que é considerado "normal", criando categorias que rotulam como "patológicos" ou "anômalos" aqueles que fogem a tais padrões. Diante disso, torna-se essencial que as práticas profissionais ressignifiquem o autismo, reconhecendo-o como uma expressão legítima da diversidade humana. A reflexão foucaultiana sobre as práticas de normalização permite compreender o impacto das instituições na formação de concepções reducionistas acerca das diferenças e reforça a necessidade de uma abordagem inclusiva, que respeite as formas singulares de ser e de se expressar no mundo.

Entretanto, apesar dos avanços no discurso da inclusão, muitas instituições ainda mantêm práticas excludentes que dificultam a efetiva participação das pessoas com autismo e outras deficiências. Como afirmam Silva; Souza e Rodrigues (2023), as instituições frequentemente permanecem com "portas fechadas", sendo necessário encontrar "frestas e brechas" para construir processos verdadeiramente inclusivos que valorizem a diversidade.

Nesse sentido, Attwood (2020) propõe que o autismo seja compreendido como uma variação do desenvolvimento humano. Para o autor, as formas com que pessoas no espectro percebem, pensam e reagem ao mundo são distintas, mas igualmente válidas, devendo ser reconhecidas como parte legítima da diversidade humana. Ao destacar essas singularidades, Attwood chama atenção para a necessidade de superar estigmas históricos, reforçando que a verdadeira inclusão vai além da acessibilidade física: exige uma transformação cultural que valorize a pluralidade neurocognitiva.

De forma convergente, Silva (2023) observa que o debate atual sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se orienta por uma valorização crescente da identidade autista como expressão legítima da diversidade. Essa visão, próxima dos princípios defendidos pelo Movimento da Neurodiversidade, rompe

com a concepção patologizante do autismo. Segundo o autor, é fundamental entender o autismo não apenas como limitação, mas como uma forma singular de ser, que carrega modos próprios de percepção, expressão e interação. Essa compreensão sustenta práticas que respeitam a subjetividade autista, favorecendo uma inclusão baseada na escuta atenta e na aceitação das diferenças.

Ribeiro (2024 p. 97) complementa essa visão ao destacar a complexidade do universo interno das crianças autistas, ressaltando que:

Há astronautas, jogadores de futebol, policiais, bombeiros, médicos, escritores, professores e bailarinas que vivem dentro dessas crianças. Há amor, medo, frustração, alegria, nojo e esperança que também essas mesmas crianças possuem. Qualquer criança, com ou sem diagnóstico, tem dentro de si um mundo que precisa ser RECONHECIDO e VALIDADO por todos nós.

Esse pensamento fortalece a ideia de que o reconhecimento da subjetividade de cada criança, com ou sem diagnóstico, é essencial. A criança com autismo, longe de ser definida apenas pela sua condição, carrega dentro de si um mundo complexo e multifacetado, que deve ser ouvido e valorizado. Ambas as perspectivas, tanto de Silva (2023) quanto de Ribeiro (2024), convergem para a necessidade de uma sociedade que compreenda a criança autista não apenas pela sua condição, mas pelo ser único que ela é.

Wallon (1941) e Aucouturier (2005) reforçam essa concepção ao afirmarem que o corpo constitui o primeiro meio de expressão da criança. Ambos defendem que profissionais da psicologia e da psicomotricidade precisam estar atentos a essas manifestações corporais, que precedem a linguagem verbal e revelam a riqueza da subjetividade infantil. Dessa forma, torna-se essencial que cada criança, esteja ou não no espectro, tenha sua individualidade escutada e valorizada em todas as suas formas de expressão.

Por conseguinte, o autismo não deve ser encarado como um erro ou algo a ser corrigido, mas como uma forma própria e legítima de perceber, sentir e se relacionar com o mundo. A expressão “autismo: uma maneira outra de estar no mundo” desafia as posturas reducionistas e capacitistas, abrindo espaço para reconhecer a neurodiversidade como componente essencial da experiência humana.

Sinclair (1993) ecoa essa defesa ao afirmar: “nós, autistas, não precisamos ser consertados. Precisamos de um mundo que nos aceite, nos

entenda e nos apoie”. Sua declaração enfatiza a necessidade de uma mudança social que vá além da mera tolerância, promovendo acolhimento real e políticas efetivas de inclusão.

Baron-Cohen (2017) reforça essa perspectiva ao afirmar que o autismo deve ser visto como uma manifestação da diversidade neurológica, a ser compreendida e celebrada como parte do vasto espectro da humanidade, e não reduzida à condição patológica. Tal visão amplia os horizontes de compreensão e estimula uma abordagem mais inclusiva e respeitosa.

Com efeito, as pessoas autistas não habitam uma realidade paralela, mas constroem suas trajetórias no mundo comum, utilizando outras linguagens, ritmos e sensibilidades. Compreender e respeitar essa diversidade constitui condição indispensável para edificar uma sociedade verdadeiramente inclusiva, empática e plural, na qual a diferença não apenas exista, mas seja reconhecida e celebrada como riqueza coletiva.

## **A RELAÇÃO ENTRE PSICOMOTRICIDADE E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONTRIBUIÇÕES PARA O COMPORTAMENTO ADAPTATIVO E A REGULAÇÃO EMOCIONAL**

A educação psicomotora direcionada à criança com autismo deve estar alicerçada em três dimensões fundamentais: motora, emocional e intelectual, que se manifestam no agir, no sentir e no pensar. Esse processo vai além da simples mecanização de habilidades motoras, sendo necessário promover o desenvolvimento integral do indivíduo. Assim, a psicomotricidade precisa proporcionar a criança a interação consigo mesmo e com o meio em que está inserido, favorecendo sua emancipação por meio do movimento. Nesse sentido, Jesus (2019) destaca que é essencial considerar a criança de forma global, respeitando seu ritmo e suas singularidades, para que o movimento não apenas desenvolva o corpo, mas também a mente e a afetividade.

A psicomotricidade, portanto, deve ser compreendida como uma ferramenta terapêutica ampla, que busca atingir todas as esferas do desenvolvimento infantil. Como afirma Silva (2023), a psicomotricidade favorece o desenvolvimento do comportamento adaptativo, permitindo que a criança alcance maior autonomia e responda de forma mais eficiente às

exigências do meio. Essa abordagem contribui para a construção de um desenvolvimento que respeita as particularidades do indivíduo, proporcionando-lhe o espaço necessário para se expressar e interagir com o mundo ao seu redor.

A intervenção psicomotora deve, assim, criar oportunidades para que a criança se mova de forma criativa, permitindo-lhe vivenciar experiências que favoreçam o desenvolvimento de habilidades motoras essenciais. Jesus (2019) destaca que essas experiências devem ser estruturadas, com padrões de movimento que possibilitem a construção de competências fundamentais para a criança com autismo. Isso implica que a psicomotricidade não é uma simples repetição de movimentos, mas um processo de aprendizagem e de expressão que respeita os tempos e as necessidades do aluno.

Para que esses objetivos sejam alcançados, é fundamental que o profissional da prática psicomotora adote uma postura acolhedora e progressiva, estabelecendo, de forma sensível, uma relação de confiança com a criança, visto que uma das características do Transtorno do Espectro Autista é a dificuldade de socialização. Essa abordagem deve ser cuidadosamente planejada para que a criança se sinta segura ao explorar suas habilidades motoras e emocionais. Jesus (2019) complementa que, ao adotar essa postura, a prática psicomotora ajuda a criança a desenvolver não só a motricidade, mas também a comunicação não verbal, criando um ambiente de confiança e acolhimento.

A psicomotricidade, ao trabalhar com o corpo como mediador das experiências, contribui substancialmente para a regulação emocional e social do indivíduo com TEA. Cordeiro e Silva (2018) afirmam que a intervenção psicomotora visa promover a autonomia da criança, facilitando sua adaptação às demandas ambientais e à interação social. Eles ressaltam que a psicomotricidade desempenha um papel crucial na melhoria da qualidade de vida da criança, uma vez que ela facilita a socialização e a integração com o meio em que vive.

Além disso, Carvalho *et al.*, (2019) acrescentam que a psicomotricidade não se limita ao desenvolvimento motor, mas expande-se para a dimensão emocional e social. Ao relacionar o indivíduo com seus sentimentos, traumas e expressões corporais, a terapia psicomotora favorece a socialização e amplia

as habilidades da criança no espaço que ocupa em sua vida cotidiana. Portanto, a psicomotricidade não apenas organiza o movimento corporal, mas também se configura como um meio de comunicação, ajudando a criança a se expressar por meio do movimento e a compreender o mundo ao seu redor.

Nesse sentido, Silva (2023) enfatiza que, no aspecto cognitivo, a psicomotricidade estimula a capacidade de concentração, a atenção, a memória e o raciocínio das crianças autistas. Por meio das atividades psicomotoras, essas crianças são desafiadas a resolver problemas, tomar decisões e encontrar soluções, desenvolvendo habilidades cognitivas fundamentais para seu aprendizado e desenvolvimento intelectual. Dessa forma, a psicomotricidade não apenas promove avanços motores e emocionais, mas também contribui para o fortalecimento do desempenho acadêmico e da autonomia intelectual.

Essa visão é reforçada por Carvalho *et al.* (2019), que afirmam que a aplicação da psicomotricidade em crianças com TEA promove avanços significativos tanto no campo motor quanto no cognitivo. A prática psicomotora, ao estimular os níveis sensoriais e motores, tem impactos positivos sobre a memória, a concentração e as habilidades motoras essenciais, como a coordenação e o equilíbrio. Além disso, o movimento corporal, mobilizado nas atividades psicomotoras, fortalece a regulação afetiva, contribuindo para o desempenho nas atividades da vida diária.

Silva (2023) também destaca que a psicomotricidade desempenha um papel importante no fortalecimento das competências socioemocionais de crianças com TEA. Por meio de atividades que estimulam a interação social, a expressão emocional e a comunicação não verbal, a abordagem psicomotora facilita o aprimoramento das habilidades sociais e afetivas, essenciais para a inclusão e qualidade de vida. Essa perspectiva confirma a relevância da psicomotricidade como ferramenta fundamental na promoção de uma integração social verdadeira e efetiva.

Nessa linha, a reflexão de Saint-Exupéry (2012, p. 70), "o essencial é invisível aos olhos", adquire um significado especial no contexto da psicomotricidade. No caso das crianças com TEA, muitos aspectos essenciais de seu desenvolvimento — como suas emoções, desejos, tentativas de comunicação e formas de estar no mundo — não são visíveis de imediato. Eles

se expressam por meio do corpo, dos gestos e dos ritmos, o que exige dos profissionais da psicomotricidade um olhar atento, sensível e não julgador, capaz de perceber o que é invisível aos olhos.

Por fim, Cordeiro e Silva (2018) complementa essa discussão ao afirmar que, para romper com o isolamento social característico do autismo, é imprescindível que o profissional adote estratégias de aproximação que envolvam jogos e brincadeiras. Essas práticas, ao impulsionarem a capacidade imaginativa e criativa da criança, favorecem o desenvolvimento das habilidades sociais e do comportamento adaptativo. Além disso, promovem o avanço da simbolização, competência cognitiva essencial para a aquisição da linguagem oral e escrita, o que contribui de forma decisiva para o progresso global da criança com TEA.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo da psicomotricidade no contexto do desenvolvimento infantil destaca a importância do movimento como meio de expressão e de integração do sujeito com o mundo. A prática psicomotora vai além da melhoria das habilidades motoras, promovendo uma visão holística do indivíduo que abrange o corpo, a mente e as emoções. Esse entendimento possibilita a construção de um desenvolvimento global, favorecendo a construção da identidade, a comunicação e as relações sociais.

No caso do Transtorno do Espectro Autista (TEA), a psicomotricidade se configura como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento das crianças, respeitando suas particularidades e potencializando suas habilidades de forma individualizada. A abordagem psicomotora oferece oportunidades para que o sujeito com TEA se expresse, se regule emocionalmente e interaja de maneira mais eficaz com o ambiente ao seu redor. Ao considerar o movimento como um canal de comunicação, a psicomotricidade possibilita a expressão de sentimentos e pensamentos de forma não verbal, favorecendo a construção de um vínculo afetivo seguro e a socialização.

A integração entre o corpo e as esferas emocional, cognitiva e social, característica da psicomotricidade, é especialmente relevante para crianças com TEA, pois contribui para a superação de barreiras no processo de

aprendizagem e de adaptação social. Ao focar na individualidade, no prazer e na ludicidade, a psicomotricidade propicia um espaço seguro onde as crianças podem explorar suas capacidades e desenvolver sua autonomia.

Portanto, a psicomotricidade representa uma prática fundamental para o desenvolvimento infantil, especialmente para crianças com TEA, pois oferece um olhar sensível e respeitoso às necessidades singulares de cada criança. Ela contribui não apenas para o progresso motor, mas também para o aprimoramento das competências cognitivas, emocionais e sociais, facilitando a inclusão e a qualidade de vida no contexto escolar e social. A efetividade da psicomotricidade está diretamente ligada à capacidade de os profissionais adotarem uma abordagem inclusiva, que considere as individualidades de cada criança, e que promova um ambiente de acolhimento e desenvolvimento integral.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. **O que é a psicomotricidade?** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.abp.com.br/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

AUCOUTURIER, Bernard. **Os fantasmas de ação e a prática psicomotora**. São Paulo: Artes Médicas, 2005.  
ARREAS, Cybele Lima Batista; CORDEIRO, Eva Lopes de Macedo; MACEDO, Josecleide Lopes de; SOARES, Gresciliane de Araújo. **Compreendendo a psicomotricidade**. ID on line. Revista de Psicologia, v. 11, n. 36, p. 1–15, 2017. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/789>. Acesso em: 12 maio 2025.

ATTWOOD, Tony. **O espectro do autismo: entenda as diferentes formas de vivenciar o autismo**. São Paulo: Editora Artmed, 2020.

BARON-COHEN, Simon. **The adaptive brain: neurodiversity and the human condition**. Londres: Oxford University Press, 2017.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Tradução de Sérgio Telles. 10. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2009.

CARVALHO, Izabel Cristina Vale de; LEMOS, Ana Valéria Lopes; SAID, Érika Castelo Branco; CUNHA, Maria de Jesus Martins de Andrade Silva; ARAUJO, Zaira Arthemisa Mesquita; CONCEIÇÃO, Pedro Wilson Ramos da; OLIVEIRA, Emanuel Monteiro; LIMEIRA, Lucas Gabriel Ribeiro; SILVEIRA, Carlos Alberto Sousa; CARNEIRO, Murilo Simões. **O impacto da Psicomotricidade no tratamento de crianças com transtorno do Espectro Autista: revisão**

**integrativa.** *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 34, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1369>. Acesso em: 29 abr. 2025.

CARVALHO, Mirian Carla Lima; RESENDE, Elle Beethoven. **Desempenho psicomotor em pessoas com transtorno do espectro autista: revisão sistemática.** *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 40, n. 123, p. 94-102, 2023. Disponível em: <https://revistapsicopedagogia.com.br/rp/article/view/1302>. Acesso em: 5 maio 2025.

CORDEIRO, Leilane Crislen; SILVA, Diego da. **A contribuição da psicomotricidade relacional no desenvolvimento das crianças com transtorno do espectro autista.** *Fac. Sant'Ana em Revista*, Ponta Grossa-PR, v. 3, p. 69-82, 1. Sem. 2018. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index>. Acesso em 20/01/2025.

FONSECA, Vítor da. **Manual de observação psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores.** Rio de Janeiro-RJ: Wak, 2022.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: uma visão pessoal.** *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 18, n. 17, p. 42-52, 2010.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese.** 3. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975).** Tradução de Eduardo Brandão. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JESUS, Sara Gonçalves de. **Educação psicomotora no desenvolvimento de crianças com autismo.** *Revista Diamantina Presença: Educação e Pesquisa*, v. 2, n. 1, p. 78–87, 2019. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/diamantina/article/view/7514>. Acesso em: 12 maio 2025.

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. **A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação.** *Artes Médicas*, 1988. Disponível em: [https://books.google.com/books/about/A simbologia do movimento.html?id=pXM8PQAACAAJ](https://books.google.com/books/about/A%20simbologia%20do%20movimento.html?id=pXM8PQAACAAJ) Acesso em: 7 jan. 2025.

LE BOULCH, Jean. **A psicocinética de Jean Le Boulch e o conhecimento do corpo na educação física.** *Movimento*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 9-22, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/q83gvTLvCsfrNpwW5Br5Nwr/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

RIBEIRO, Vivian. **Quando a infância dói: os transtornos da infância e as terapias que promovem saúde mental e neurodesenvolvimento às crianças.** In: FILÓ, Karla (Coord.). São Paulo: Literare Books International, 2024. p. 93-97.

ROSA NETO, Francisco. **Manual de avaliação motora**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2012.

SANTOS, Halon Ubirajara Brito; BASTOS, João Renato; CARVALHO, Juliana Oliveira. **A psicomotricidade relacional como propulsora do desenvolvimento psicoafetivo e da socialização em alunos da educação infantil**. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 82–96, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/8981>. Acesso em: 12 maio 2025.

SILVA, Cristiano Ferreira da. **A importância da psicomotricidade para o desenvolvimento das crianças com autismo**. (Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Bacharelado em Educação Física) Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Boa-Vista-PE, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52789>. Acesso em: 13/01/2025.

SILVA, Edna Rodrigues da; SOUZA, Cristiana Callai de; RODRIGUES, Maria Goretti Andrade. **Entre portas fechadas: frestas e brechas para pensar processos inclusivos na educação**. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71150>. Acesso em: 7 maio 2025.

SILVA, R. C. da. **Psicomotricidade e autismo: contribuições para o desenvolvimento socioemocional infantil**. São Paulo: Editora InterSaberes, 2023.

SINCALIR, Jim. **Don't mourn for us**. 1993. Disponível em: [https://www.autreat.com/dont\\_mourn.html](https://www.autreat.com/dont_mourn.html). Acesso em: 29 abr. 2025.

VAYER, Pierre. **Tendências internacionais da Educação Física Argentina: a influência da psicomotricidade**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 145-153, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/fGQt74hk5hmVXCm58ZdFjvS/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1941.